

Sob a perspectiva global: as solidariedades transnacionais das e às mulheres brasileiras exiladas na França e em Portugal

 /tempoargumento

 @tempoargumento

 @tempoargumento

 **Eloisa Rosalen**

Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina com estágio doutoral na Università Ca' Foscari Venezia.

Florianópolis, SC – BRASIL

lattes.cnpq.br/3857428948780807

rosaleneloisa@gmail.com

 orcid.org/0000-0001-5125-9969

Para citar este artigo:

ROSALEN, Eloisa. Sob a perspectiva global: as solidariedades transnacionais das e às mulheres brasileiras exiladas na França e em Portugal. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 14, n. 35, e0107, jan./abr. 2022.

 <http://dx.doi.org/10.5965/2175180314352022e0107>

Recebido: 28/09/2021

Aprovado: 06/03/2022

Sob a perspectiva global: as solidariedades transnacionais das e às mulheres brasileiras exiladas na França e em Portugal
 Eloisa Rosalen

Sob a perspectiva global: as solidariedades transnacionais das e às mulheres brasileiras exiladas na França e em Portugal¹

Resumo

A perspectiva de análise da história global fornece aspectos pertinentes para pensar as conexões entre pessoas, projetos, grupos políticos e ideias. O objetivo deste artigo é analisar, sob a perspectiva da história global, as solidariedades transnacionais que se voltaram às mulheres brasileiras ou às quais elas integraram durante o exílio da ditadura militar brasileira na França e em Portugal. Isto é, busca-se demonstrar as conexões entre as brasileiras e as francesas e entre as brasileiras e as portuguesas. A história global auxiliará na compressão das solidariedades transnacionais e das solidariedades feministas ou femininas que existiram no período, a partir do *slogan* da época: *sisterhood is global*. O recorte temporal estabelecido é a partir de 1973 (ano do golpe do militar no Chile, que levou muitas latino-americanas à Europa) até 1979 (quando se deu a Lei de Anistia nº 6.683). As fontes principais são os documentos do *Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris*, e do *Movimento Democrático de Mulheres* de Portugal, e os jornais *Nosotras*, do *Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris*. Também, a fim de complementar algumas informações, foram utilizados os informes do Centro de Informação de Exterior (CIEEx) e três entrevistas de ex-exiladas.

Palavras-chave: mulheres exiladas; solidariedades transnacionais; perspectiva global.

From a global perspective: the transnational solidarities of Brazilian women exiled in France and Portugal

Abstract

The analytical perspective of global history provides keys and pertinent aspects for thinking about the connections between people, projects, political groups and ideas. The aim of this article is to analyze, from the perspective of global history, the transnational solidarities that turned to Brazilian women or which they integrated during the exile of the Brazilian military dictatorship in France and Portugal. It seeks to demonstrate the connections between Brazilian and French women and between Brazilian and Portuguese women. Global history will help to compress the transnational solidarities and feminist or female solidarities that existed in the period, from the slogan of the time: *sisterhood is global*. The timeline is from 1973 (the year of the military coup in Chile, which took many Latin American women to Europe) until 1979 (when Amnesty Law nº 6.683 was issued). The main sources are the documents of the *Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris*, and of the *Movimento Democrático de Mulheres* in Portugal, and the *Nosotras* newspapers of the Latin American Women's Group in Paris. In addition, in order to complement some information, reports from the Abroad Information Bureau (CIEEx) and three interviews with major exiled women were used.

Keywords: exiled women; transnational solidarities; global perspective.

¹ A realização da pesquisa (que resultou neste artigo) contou com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por intermédio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE)

Durante a ditadura militar brasileira², muitas mulheres tiveram como destino de exílio a Europa, especialmente após o golpe no Chile, em 1973 (ROLLEMBERG, 1999). Principalmente, na França e em Portugal, as brasileiras constituíram grupos de consciência e/ou de debate, engajaram-se em novos projetos políticos, reconstruíram suas militâncias e forjaram-se como sujeitos políticos junto ao movimento de mulheres. O processo de reformulação, vivido de maneira heterogênea, representou a história coletiva de uma geração de mulheres que se viram em trânsitos transfronteiriços, entre processos globais e aspectos pessoais, metamorfoses políticas e novas constituições de si (ROSALEN, 2021). O período também foi um momento vivido de maneira intensa no que tange à constituição de conexões entre os movimentos que surgiram naqueles países, contatos com diferentes sujeitos e a emergência de uma esfera pública transnacional que se voltou, em diferentes âmbitos, e ações de solidariedades às mulheres e homens da América Latina (MARQUES, 2011; MARQUES, 2015; PEZZONIA, 2017; SZNAJDER; RONIGER, 2013).

As perguntas que orientam este artigo são: Como se deram as solidariedades entre as brasileiras e portuguesas e entre as francesas e brasileiras durante o período de exílio? Quais eram os focos das solidariedades? Elas eram recíprocas? As solidariedades envolviam quais pautas políticas? Havia pautas *feministas*, *femininas* ou sobre *mulheres*? Por que escolher as mulheres brasileiras para manifestar apoio diante das demais demandas nacionais e transnacionais? Quem estabeleceu contato (os nomes e/ou grupos políticos das brasileiras, francesas ou portuguesas)? Existiu alguma relação com o ano Internacional da Mulher em 1975? As brasileiras foram as únicas nacionalidades alvo de solidariedade no período ou fazem parte de um grande quadro de mobilizações transnacionais feministas e entre as mulheres da década? Longe de querer abordar todos os aspectos que envolvem estas questões, a partir do que foi proposto, serão apresentados os resultados iniciais acerca de uma pesquisa que envolveu as solidariedades entre as mulheres durante a década estabelecida. Muitos eixos elencados ainda poderão ser melhores desenvolvidos no futuro.

² Há uma grande discussão no campo historiográfico sobre a denominação e a periodização da ditadura brasileira. Não pretendo entrar nesta discussão. Para saber mais, ver: REIS, 2000 e FICO, 2017.

Sob a perspectiva global: as solidariedades transnacionais das e às mulheres brasileiras exiladas na França e em Portugal

Eloisa Rosalen

O objetivo deste artigo é analisar, sob a perspectiva da história global, as solidariedades transnacionais que se voltaram às mulheres brasileiras exiladas ou às quais elas integraram durante a ditadura militar brasileira e, especificamente, a partir de 1973, na França e em Portugal³. Não é objetivo deste artigo retratar os grupos de mulheres constituídos ou o tornar-se feminista no exterior, que, por sua vez, já foram alvo de inúmeras pesquisas (ABREU, 2014; BACK, 2013; BASTOS, 2007; LIMA, 1984; MORAES, 2012; PEDRO; WOLFF, 2007a), e, sim, demonstrar de maneira inicial as conexões que existiram entre as mulheres brasileiras e as francesas e entre as brasileiras e as portuguesas. Para tanto, foram utilizados os documentos e registros dos grupos organizados no exterior: do *Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris*⁴ (consultado no Centro de Informação Mulher em São Paulo), do *Movimento Democrático de Mulheres* de Portugal (consultado no Acervo do respectivo movimento), e jornal *Nosotras*, do *Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris*⁵ (fotocópias consultadas no

³ Para Rodrigo Pezzonia (2017, p. 283) Portugal o exílio dos brasileiros em Portugal pode ser dividido em três grandes momentos: 1º) a “lufada de liberdade” com o 25 de abril de 1974 e após o golpe do Chile; 2º) a desilusão, a partir do 25 de novembro de 1975, quando o movimento revolucionário esfriou; 3º) o retorno com a constatação das influências adquiridas (que não é objeto aqui).

⁴ O *Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris* emerge em 1976, após uma cisão do *Comitê de Mulheres* organizado, por Zuleika Alambert, com a constituição do *Grupo Brasileiro de Mulheres Revolucionárias* (GBMR), do Grupo Campanha, o qual buscava formar uma frente feminista revolucionária que incluía questões de classe (ABREU, 2014). Houve a necessidade de “criar um grupo ampliado que pudesse abranger um maior número de mulheres e com uma perspectiva distinta do Comitê, ideia que se concretizaria com a construção do *Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris*” (ABREU, 2014, p. 167). O *Círculo* era constituído a partir da identidade de brasileira, que incluía ou excluía participantes, mas com propostas não reduzidas às questões da anistia ou denúncias da ditadura, que já era pauta no ano da fundação. De modo geral, o debate teórico ocupou grande espaço dentro do *Círculo* e esteve ligado a alguns temas, como movimento autônomo, movimento feminista e luta de classes, violência contra as mulheres, feminismo no Brasil, imprensa feminista, sexualidade, realidade brasileira, presas políticas, anistia, educação, trabalho doméstico, teatro, aborto, e direitos reprodutivos (ABREU, 2014). O *Círculo* também publicou boletins, o jornal “Agora é que são elas”, muitas brochuras, panfletos de denúncia da ditadura e pedido de libertação de presas políticas. Porém, mesmo não se reconhecendo como uma organização marxista, o *Círculo* colocava em sua pauta do dia as questões da luta de classes, uma vez que, ao mesmo tempo, tinha uma ligação maior com as organizações e com a tendência de lutas de classes do MLF (ABREU, 2014, p. 163).

⁵ O *Grupo Latino-Americanas de Mulheres em Paris* foi criado em 1972. Promoveu debates, grupos de reflexões (ou autoconsciência) e publicou um boletim bilíngue (que foi a principal atividade do grupo) entre janeiro de 1974 até o segundo trimestre de 1976 (ABREU, 2013). Segundo Maíra Abreu (2013, p. 556), que estudou os boletins produzidos, o grupo “surge profundamente influenciado pelas mobilizações feministas francesas [...]. Mas, [...] não se configurou como uma assimilação acrítica e descontextualizada”; nesse sentido, destacou a autora, “o tema da ‘especificidade’ latino-americana se impôs desde o princípio. Assim, o ‘*nosotras*’, do qual falava o grupo, era um ‘nós mulheres’, mas tratava-se principalmente de um ‘nós mulheres latino-americanas’”. Para tanto, evidenciou que havia a compreensão de que a situação da mulher latino-americana era específica e, portanto, exigia métodos de lutas também específicos

Sob a perspectiva global: as solidariedades transnacionais das e às mulheres brasileiras exiladas na França e em Portugal

Eloisa Rosalen

Laboratório de Estudos de Gênero e História da Universidade Federal de Santa Catarina). A fim de complementar, também, serão citados alguns informes do Centro de Informação de Exterior (CIEEx)⁶ (consultados no Arquivo da Biblioteca Nacional) e três entrevistas com ex-exiladas⁷.

A constituição das experiências políticas das mulheres exiladas realizadas no exterior faz parte dos trânsitos transnacionais⁸ em função de processos globais, como os atrelados à guerra fria, ao advento do feminismo dito de segunda-onda e às ditaduras latino-americanas, ocorridos nas décadas de 1970 e 1980. Estas experiências não podem ser lidas sem se ter em conta os impactos que processos globais deixaram nas pessoas e as conexões estabelecidas durante os diferentes trânsitos. Por isso, as contribuições da história global ou transnacional, enquanto perspectiva de análise, fornecem questões chaves e pertinentes para este artigo, como àquelas atreladas às conexões entre pessoas, projetos, grupos políticos e ideias, a compressão ampliada das solidariedades transnacionais e das solidariedades feministas/ femininas⁹ e de *slogan*, como o

(ABREU, 2013). No *Nosstras* estiveram presentes os debates sobre patriarcado, capitalismo, diferencialismo e universalismo, a especificidade latino-americana e o tema da sexualidade (ABREU, 2013).

⁶ O Centro de Informações do Exterior (CIEEx) foi criado pelo governo brasileiro no ano de 1966 com a finalidade de vigiar, monitorar e seguir as exiladas e os exilados que viviam no exterior (PENNA, 2009, p. 46). De modo geral, o CIEEx “foi uma agência que funcionava com grande autonomia na estrutura administrativa do Itamaraty” e, hierarquicamente, estava subordinada ao Serviço Nacional de Informação (SNI) (PENNA, 2009, p. 47). Provenientes do exterior, a partir deste Centro, foram difundidas informações entre os órgãos do governo sobre exiladas e exilados, totalizando um número de 8.147 informes, entre os anos de 1966 e 1986 (PENNA, 2008, p. 90). O CIEEx foi um dos órgãos de origem de informes que contribuiu para o SISNI (Sistema Nacional de Informações) (FICO, 2001). Acerca da estrutura de informações organizada durante a ditadura militar, ver FICO, 2001.

⁷ As entrevistas orais foram selecionadas aqui em função de rememorem as atividades e os eventos que envolviam as solidariedades. Serão utilizadas somente em caráter complementar, não se tratando de uma discussão maior que envolvem memórias e história oral. Para saber mais a respeito das memórias das mulheres exiladas ver: ABREU, 2016; BASTOS, 2007; LIMA, 1984; MORAES, 2012; ROSALEN, 2021.

⁸ As discussões acerca do caráter transnacional advêm do “giro transnacional” ou “giro global” que aconteceu, respectivamente, durante os anos de 1990 e 2000. A partir dele, pode-se pensar como vidas do passado e eventos foram moldados por processos e relações que atravessaram as fronteiras do Estado-nação e “pelo desejo de sair do Estado-nação ou do Estado-nação singular como a categoria de análise e, principalmente, de evitar o etnocentrismo que uma vez caracterizou a escrita da história no Ocidente” (BAYLY; BECKERT; CONNELLY; et al, 2006, p. 1441). De um modo geral, hoje está no debate uma série de temas transnacionais, onde são colocadas discussões supranacionais, como o meio ambiente, as migrações, etc. Trata-se de temas que superam as fronteiras nacionais e são potencialmente globais (CONRAD, 2019). Para saber mais, ler: FICKER, 2014; BAYLY; BECKERT; CONNELLY; et al, 2006.

⁹ A utilização do termo *feminismo*, *feminino*, ou *movimento de mulheres* como forma de caracterização ou autodefinição/posição das militâncias também é aspecto presente no

Sob a perspectiva global: as solidariedades transnacionais das e às mulheres brasileiras exiladas na França e em Portugal

Eloisa Rosalen

do *sisterhood is global*. A história global¹⁰, diferentemente do que muitos consideram, não pode ser pensada pelo viés das questões macros, com o apagamento dos sujeitos e rostos (CONRAD, 2019); ao contrário, este artigo busca mostrar que ela precisa ser pensada a partir da maneira como os trânsitos, as conexões, e as diferentes posições estiveram presentes e impactaram as vidas e as estruturas políticas no âmbito do debate público acerca dos diferentes movimentos de mulheres e feministas.

1. As solidariedades (transnacionais) entre as mulheres

As solidariedades (ou redes/vínculos/ativismos transnacionais¹¹) entre as mulheres e o caráter transnacional do exílio são aspectos centrais deste artigo. Tais aspectos são articulados de maneiras diferentes nos respectivos contextos do exílio das mulheres brasileiras na França e em Portugal. A escolha por trabalhar com as brasileiras exiladas em Portugal (mais precisamente em Lisboa) e na França (especificamente em Paris) se deu porque nesses dois países se constituíram grupos de mulheres¹² que tiveram destaque. Na França emergiram

contexto dos movimentos dos anos de 1970 e 1980. A definição do primeiro termo estava ligada ao entendimento de que “os problemas específicos da mulher não seriam resolvidos apenas pela mudança na estrutura social, mas exigiam tratamento próprio” (SARTI, 2001, p. 39); o *feminino* era utilizado como forma de distanciar do *feminismo* e realçar a prioridade atrelada as pautas gerais. Já o *movimento de mulheres* tem dois significados possíveis: o entendimento de que as partícipes não buscam por uma causa específica; e pode significar a expressão reduzida de movimento de liberação das mulheres, associado a um feminismo radical (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009).

¹⁰ Como apresentando por Sebastian Conrad (2019, p. 16) “não existe consenso sobre o caminho que se deve percorrer para atingir” resultados ao que poderia ser definido história global. O que é possível encontrar nesse momento são inúmeras abordagens concorrentes que buscam percorrer caminhos próximos, como, a história transnacional, a história comparada, e os estudos pós-coloniais (CONRAD, 2019). De modo geral, todas estas abordagens representam contribuições significativas para este texto: da história transnacional, as narrativas dos trânsitos e “atenção ao papel da mobilidade, da circulação e das transferências” (CONRAD, 2017); e da história comparada, a explicação das semelhanças e diferenças (ALLEN, 2008). Para saber mais sobre os diálogos entre global, transnacional, comparada e pós-colonial, ver: COVA, 2008; CONRAD, 2019; FREDERICKSON, 2010; PRADO, 2005.

¹¹ Para algumas autoras/es a solidariedade é definida como redes, solidariedades de apoio ligados aos direitos humanos, activismos transnacionais, ou redes militantes, conforme pode ser visto em: BRACKE; MARK, 2015; MARQUES, 2011; MARQUES, 2015; TRUZZI, 2008.

¹² Outros grupos de mulheres brasileiras no exterior também foram constituídos, como: a Associação de Mulheres Democráticas em Lunda (na Suécia); a Associação de Mulheres Brasileiras e Italianas em Milão (Itália); o Comitê de Mulheres Brasileira em Bruxelas (que editou o periódico Nossa Hora, que publicou seis números); o Comitê Europeu das Mulheres Brasileiras (BACK; 2013). Alguns materiais podem ser consultados no Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (CEDEM/ UNESP). Estes grupos e associações foram proporcionalmente menores e tiveram também menos impacto entre as exiladas e exilados.

Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris, o Círculo de Mulheres Brasileiros em Paris e a Seção Feminina do PCB (que também esteve em outros países como Bélgica e Itália, mas com discussões realizadas, principalmente, em Paris). Em Portugal, o grupo de mulheres que produziu o livro *Memórias das Mulheres do Exílio* (publicado somente em 1980 pela editora Paz e Terra, e organizado pelas exiladas brasileiras Albertina de Oliveira Costa, Maria Teresa Porciuncula Moraes, Norma Marzola e Valentina da Rocha Lima). Também nesses países foi possível encontrar as solidariedades transnacionais entre as mulheres.

A situação em Paris e em Lisboa eram bastantes distintas. Após o ano de 1974, Lisboa vivia, ao mesmo tempo, as transformações democráticas tão esperadas, a revolução política e cultural em função do novo regime político instaurado, as consequências do fim da guerra colonial e o retorno ao país de mais de 650 mil expatriados de Angola e Moçambique, o enfrentamento de diversos problemas sociais (como analfabetismo, reforma agrária, etc.), e o enfrentamento direto das ideias conservadoras marcadas, principalmente, pela forte presença da Igreja Católica (BARRETO, 2005; PINTO, 2019; TAVARES, 2000, 2008). Paris, por sua vez, era tido como o centro do mundo intelectual, vivia as consequências culturais e sociais do maio de 1968 e das manifestações contra a guerra na Argélia, recebia e/imigrantes de inúmeras nacionalidades (inclusive, portugueses), era lugar de debates e de interações entre diferentes culturas e formas de contestação; também era uma cidade onde estava em ebulição um movimento feminista autônomo, criativo e bastante contestador (PICQ, 2002; ABREU, 2016, BRACKE; MARK, 2015). Embora distintos, nestes dois países ocorria a emergência dos movimentos de mulheres e do feminismo ditos de “segunda onda” e as pautas das diferentes solidariedades estavam na ordem do dia.

Os vínculos das solidariedades estavam presentes em três grandes esferas; a primeira delas estava atrelada a um contexto de transnacionalismo ou ativismos transnacionais; a segunda, a uma dimensão de união das mulheres (com a constituição de grupos) e transformação social por meio de uma dimensão vinda de baixo; e a terceira, ligada à solidariedade entre os diferentes grupos (a partir da esfera transnacional e da sua conexão entre os diferentes ativismos) a fim de denunciar tanto as violências comuns, como “mulheres”,

quanto as específicas, como “brasileiras” ou contra a “ditadura”. Essas três esferas se entrelaçam e, muitas vezes, é difícil distingui-las nos documentos produzidos pelas mulheres e em suas trajetórias.

A primeira esfera das solidariedades transnacionais, relacionada ao fenômeno global e modificação da estrutura do exílio com a entrada do caráter transnacional/arena global, se proliferou por meio de uma preocupação com os direitos humanos e a constituição da esfera pública transnacional¹³ e da política multiestatal (SZNAJDER; RONIGER, 2013, p. 26-7), o que significou a incorporação dos exilados às redes globais e transnacionais ligadas às instituições, para que suas vozes não fossem silenciadas (SZNAJDER; RONIGER, 2013, p. 26). Mas, isso não se deu sem vínculos/redes e solidariedades transnacionais acionadas/articuladas/formuladas das mais diferentes maneiras, que estiveram presentes no exílio, como as feitas entre as mulheres brasileiras e as francesas e entre as brasileiras e as portuguesas. O exílio das brasileiras foi importante para que elas se constituíssem como grupos, e esse aspecto trouxe ressonâncias significativas ao Brasil.

A entrada do caráter transnacional possibilitou pensar o desenvolvimento de um ativismo ligado a nova esfera pública política - contra o monopólio do Estado-nação -, a influência desde longe das exiladas e dos exilados para a política local, a conexão direta entre o asilo/exílio com as políticas exteriores, e as conotações que o domínio transnacional teve, tanto no país de expulsão quanto no país anfitrião (SZNAJDER; RONIGER, 2013). Nesta perspectiva, destaca-se os graus e as escalas que tais pautas foram desenvolvidas nos diferentes espaços, a maneira que o discurso transnacional atingiu e interagiu cada espaço local, os jogos de escalas locais/globais, e a interação entre os sujeitos de diferentes nacionalidades.

¹³ Pensar o caráter transnacional ou global é ultrapassar as esferas locais e refletir sobre a transcendência dos Estados nacionais por meio das lutas revolucionárias (desenvolvidas pelos militantes de resistência às ditaduras que circulavam por vários Estados-nação) e pelos direitos humanos (por meio de denúncias ao exterior), e da repressão (praticadas de maneira micro, como a não emissão de um passaporte por uma embaixada, ou macro, como a *Operação Condor*) (SZNAJDER; RONIGER, 2013; CORAND, 2018; QUADRAT, 2002).

As solidariedades transnacionais não foram uma novidade dos anos de 1970¹⁴. Durante os anos de 1960, com as conexões com o ‘Terceiro Mundo’¹⁵, que “não apenas ampliaram significativamente a imaginação internacional dos ativistas europeus, mas também começaram a reverter as hierarquias anteriores do conhecimento”, isto é, “as experiências políticas de Cuba, China ou Chile ou as lutas dos argelinos ou os vietnamitas, vieram inspirar novas formas de ativismo político e social em casa, na Europa”¹⁶ (BRACKE; MARK, 2015, p. 408). Por outro lado, conhecer o “terceiro mundo” não necessariamente significou o contato direto entre os ativistas europeus e os extra-europeus. Para Bracke e Mark (2015, p. 408), a importância dessas lutas estava na maneira como as pautas foram apropriadas em seus contextos locais e não no contato direto. Mas, foi após o golpe do Chile, em 1973, que as solidariedades se voltaram de maneira mais enfática para a América-Latina (SZNAJDER; RONIGER, 2013).

A solidariedade também foi fonte de constituição de grupos por parte dos exilados e exiladas no exterior durante a década de 1970; aspecto este que se deu de forma generalizada¹⁷. O gueto, a marginalização, a solidão e as dificuldades de adaptação ligadas ao exílio são fatores importantes que fizeram com que os brasileiros se agrupassem de diferentes maneiras. Mas, como lembra Valentina da Rocha Lima (1984, p. 91), tais grupos tinham outros objetivos: manterem-se informados sobre seus países, conseguir apoio internacional para a resistência,

¹⁴ A constituição de uma esfera transnacional de solidariedades entre as lutas de diferentes estratos das esquerdas e feministas ou entre as mulheres ocorreram antes e depois do período recortado para este artigo. No século XIX, é possível constatar a existência de trocas de ideias, publicações, correspondências, táticas, conexões entre mulheres ligadas ao movimento de mulheres (ANDERSON, 2008; FOX-GENOVESE, 1992). Durante as décadas de 1950 a 1960, da luta anticolonialista e anti-imperialista manifestaram apoio direto aos movimentos sociais de diversos cantos do mundo, demonstrando um “pouco [de] senso de ‘solidariedade global’” (BRACKE; MARK, 2015, p. 408). Recentemente, também, as solidariedades tomaram corpo nas manifestações em torno da performance “*Un violador en tu camino*”¹⁴, que ocorreram em 2019 (MARTIN; SHAW, 2021).

¹⁵ Apesar de completamente fora de uso, mantere aqui o termo “terceiro mundo” para assinalar tanto o uso dos autores do texto citado quanto por ser o termo utilizado na época.

¹⁶ Tradução nossa: “It was at this moment that connections with the ‘Third World’ not only vastly broadened the international imagination of European activists, but also began to reverse previous hierarchies of knowledge: the political experiments of Cuba, China or Chile, or the struggles of the Algerians or the Vietnamese, came to provide inspirations for new forms of political and social activism at home in Europe”.

¹⁷ Além dos grupos feministas já citados, existiram também o grupo *Debate* e o *Campanha*, o *Front Brésilien d’ Information*, as seções dos partidos, e as organizações de esquerdas que buscavam se reorganizar no exílio, entre outros (CRUZ, 2010; ROLLEMBERG, 2007).

fortalecer relações entre os diferentes militantes no exterior ou, ainda, entre os que estavam no país e os que estavam fora. Para a historiadora, e também exilada, os grupos “(...) de mulheres formados seguiram essas tendências gerais, mas com algumas particularidades”, a partir de suas origens, objetivos e protagonismos. Os grupos de brasileiras no exterior têm três grandes tipologias de formação: “feministas individuais começaram uma condução de força organizacional”; “mulheres políticas começaram um grupo, motivadas pelo desejo de influenciar e organizar mulheres não exiladas ou convencer outras exiladas de ideias políticas de suas respectivas organizações”; e “as mulheres espontaneamente começaram a se reunir para estudar e falar sobre suas necessidades comuns e interesses”¹⁸ (LIMA, 1984, p. 91).

A segunda esfera de solidariedade estava centrada nos grupos de consciência e de debates organizados no exterior. Mas, como é importante lembrar, nem todas as mulheres que estavam no exílio participaram ou construíram um em seu lugar de destino. Os grupos de consciência emergiram a partir de meados dos anos 1960, nos Estados Unidos, onde mulheres passaram a discutir sobre as suas próprias vidas (PEDRO; WOLFF, 2007a). A formação de grupos de consciência entre as mulheres exiladas aconteceu em diversos países, como os já citados grupos em Paris e Lisboa. No Brasil, emergiram durante os anos de 1970, principalmente, no Rio de Janeiro e São Paulo. No entanto, eram “grupos de reflexão com um caráter muito privado”, uma vez que as reuniões poderiam ser penalizadas e perseguidas pela ditadura (COSTA, 2010, p. 178); ou seja, ainda eram pouco expressivos e não poderiam proporcionar atividades públicas, como as realizadas fora do Brasil.

De modo geral, os grupos de consciência eram reuniões informais entre as mulheres em um determinado espaço (casa, cafés, entre outros lugares), com as mais diferentes temáticas, como: aspectos de etapas da vida (infância, juventude, etc.), relação com o marido, casamento, aborto, sexualidade, parto e maternidade

¹⁸ Tradução nossa: “The women’s groups that were formed followed this general tendency, but with certain peculiarities. They had three different origins. Sometimes individual feminist became the leading organizational force (although this was rare) or else political women started a group, motivated by the desire to influence and organize non-exile women or convince other exiles of the political ideas of their respective organizations. A third pattern was that of women spontaneously associating study and talk about their common needs and interests.”

(PEDRO, 2007b). Os grupos de consciência se formaram em diversas cidades do mundo ocidental e constituíram-se como um movimento internacional, cujos resultados ainda podem ser vistos em manifestações, periódicos¹⁹ e questionamentos por mudanças legislativas. A constituição desses grupos estava pautada na noção de um “nós” mulheres (não um “nós” feministas), em função da singularização e da identificação como “mulher” (em contraposição aos homens) (PEDRO, 2007b). A instrumentalização da identidade “mulher”²⁰ era o caráter central a fim da constituição de grupos e de espaços onde somente elas poderiam participar e na qual o sujeito “mulher” era inventado (PEDRO, 2007b).

Nestes grupos, a transformação social por meio das práticas de si era tida como um importante passo em direção à mudança política²¹. A participação nos grupos de consciência era um processo de ‘conscientização’, de transformação de si e um projeto político de transformação social, que mudou as subjetividades das mulheres partícipes e do grupo social ao seu redor²². As solidariedades, para a formação dos grupos de consciência, eram o ponto de partida (e não o ponto de chegada). A disseminação de grupos de consciência ou de debates se deu pela solidariedade entre as mulheres e, também, pela compreensão geral de que o “patriarcado” e a opressão das mulheres seriam globais e transnacionais.

Muitos grupos de mulheres organizaram-se nesse período, sem muitas vezes pensar sobre a sua nomenclatura, definição ou regras de organização; lembrando que estavam em voga as hierarquias também sobre se autodenominarem *movimento de mulheres*, *femininas* ou *feministas*. Para além da nomenclatura e estrutura, também, organizaram grupos de debates, de leituras

¹⁹ Apesar de não serem todos resultados de grupos de reflexão, neste período, também emergiram muitos periódicos que utilizaram-se da mesma forma de nomenclatura a partir do “nós” e “mulheres” (PEDRO, 2007b).

²⁰ As discussões sobre as mulheres como sujeitos do feminismo e sua historicidade pode ser melhores vistos em: BUTLER, 2018; PEDRO, 2007b.

²¹ De um modo geral, McLaren (2016) aponta que as concepções de Michel Foucault, com as técnicas de si e as relações de poder, visam a transformação. Essa noção afasta tanto a ideia de que Foucault possui uma perspectiva determinista quanto de que ele não tem um projeto de mudança (MCLAREN, 2016)

²² Algumas destas transformações, sobre vida da cotidiana das mulheres exiladas, foram longamente discutidas em minha pesquisa de mestrado intitulada *Vidas (entre) laçadas: relações de gênero nas memórias do exílio brasileiro (1964-1979)*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina em 2016, sobretudo, no que tange às relações de afeto, ao trabalho doméstico (ROSALEN, 2016).

e de discussões. Os grupos de debates também se aproximavam da ideia de reunir mulheres a partir da concepção de que poderiam estudar ou se aprofundar em diferentes assuntos e se organizarem em virtude de demandas contextuais, como no caso do *Comitê* organizado, no Chile, por Zuleika Alambert. No entanto, não tinha como premissa a noção de transformação social, como é possível encontrar nos grupos de consciência.

As solidariedades pautada na união entre as mulheres e pelas mulheres se aproxima muito da noção de sororidade. A sororidade já é um termo bastante debatido, sobretudo, pelo feminismo francês. Entende-se por sororidade “conceitos sobre processos identitários “naturalmente” vividos pelas mulheres em suas relações entre si” (COSTA, 2009, p. 12). No entanto, em termos gerais, algumas críticas muito importantes foram elaboradas: o termo parece criar uma ilusão de harmonia e homogeneidade entre as mulheres (COSTA, 2009); em algumas circunstâncias, a partir da tradução do termo em francês é considerada como uma relação própria entre as mulheres e carrega processos identitários feministas que se apresentam como eternos, esquecendo-se que as solidariedades podem ser interrompidas e/ou mudar de sentido (COSTA, 2009); por último, o termo em si pode ser pensando como uma forma de proteção na relação entre mulheres de diferentes classes, como o assistencialismo (COSTA, 2009).

Durante os anos de 1970 e 1980 também existia uma dimensão maior das solidariedades entre mulheres, que estava atrelada a ideia de *sisterhood is global*, ou seja, de uma irmandade global. Este é o terceira esfera das solidariedades entre as mulheres. Um dos maiores expoentes dessa ideia foi o livro *Sisterhood is global: The International Women's Movement Anthology* organizado por Robin Morgan, publicado em 1984 (alguns anos posteriores ao recorte desta pesquisa), com financiamento da Fundação Ford. A obra contou com textos escritos por mulheres de diversos países e, representando o Brasil, por um capítulo de Yolanda C. Prado; exilada na França e em 1984 já retornada ao Brasil. No capítulo sobre o Brasil, Yolanda C. Prado apresentou um panorama, com os aspectos sobre a demografia, a economia, o governo, a legislação sobre as mulheres e os

direitos civis e sexuais das mulheres e a emergência dos feminismos nos anos de 1970.

A concepção da ideia de *sisterhood is global* estava pautada na pergunta central, como o editorial de número 1 do jornal *Nosotras* mencionou, o que “havia de semelhante e de diferente entre a “mulher” mexicana, venezuelana, argentina, brasileira ou francesa?”. A constituição do vínculo entre as mulheres que estava acima de suas nacionalidades (mas também marcadas por elas); isto é, a partir da constituição das solidariedades²³ entre diferentes grupos ou a cooperação entre as mulheres do mundo é que conseguiriam lutar contra o “patriarcado” e a opressão, e, também, perceberiam suas desigualdades. Noção constituída que, conforme explicitado por Fox-Genovese (1992, p.42), proclamou a irmandade como “a unidade das mulheres com base em experiências radicalmente diferentes e em nome de sentimentos que mascaram tanto a realidade do poder e a desigualdade de oportunidades quanto os sentimentos de família dos quais se originaram”.

Esta concepção, mais tarde, foi muito criticada, tanto pela utilização tradicional da categoria de “mulher” (pautada na posição contrária ao ‘universal’: euro-centrada, branca²⁴ e sem uma análise que colocou dimensões de classe-social, como as utilizadas pela ONU para o ano e a década da mulher²⁵) em oposição àquela do homem quanto pela não consideração das interseções, das diversidades de opressões vividas pelas diferentes mulheres no mundo e pela dificuldade de entendimento das hierarquias estabelecidas entre/ou pelas mulheres (FOX-GENOVESE, 1992). Também, pauta-se na noção de uma opressão do “patriarcado”, hoje, já bastante criticada, que tanto “não mostram o que a desigualdade de gênero tem a ver com as outras desigualdades” quanto ainda se baseia na diferença física, que assume um caráter universal e imutável (SCOTT, 1995, p. 78).

²³ Esta ideia se aproxima muito da concepção de redes e de alianças (como hoje vem sendo discutido). No entanto, enquanto metáforas, me parece inapropriada para este artigo uma vez que a primeira esconde a contingência das atividades e as duas criam uma palavra que não era utilizada pelos grupos ou pelas mulheres naquele período.

²⁴ É possível ver uma discussão muito interessante a partir do debate sobre dororidade, realizada por: PIEDADE, 2017

²⁵ Para saber mais, ler: TUNGOHAN, 2010.

Por último, como também busca-se assinalar, “insistir em uma política de coalizão supõe que a solidariedade, qualquer que seja o seu preço, é um pré-requisito para ação política” (BUTLER, 2018, p. 39); em outras palavras, fundamental para a manutenção de denúncias, ações e engajamentos. Mas, não podemos ter uma leitura ingênua ou naturalizada²⁶, sem entender os aparatos que as constituem, como as diferentes condições de classe, raça e nacionalidade, e que foram fundamentais para ação política neste contexto (FOX-GENOVESE, 1992).

2. As solidariedades feministas transnacionais na França

As solidariedades transnacionais entre as mulheres constituídas no exterior tomaram diferentes formas em cada país. Um dos destaques ocorreu nas diferentes aproximações que as brasileiras exiladas tiveram na França²⁷, marcadas, principalmente, por pautas atreladas ao movimento feminista francês (como, do direito ao prazer e ao corpo, sexualidade, etc., que não estavam em debates por estas mesmas mulheres antes de chegar na França) e nas conexões entre as mulheres. Os grupos de mulheres brasileiras na França realizaram atividades e foram alvos de solidariedades, o que fez Betânia Ávila (2019) - uma das expoentes mais importantes deste grupo de exiladas - se recordar sobre a importância que tiveram as trocas com as mulheres francesas, o engajamento que algumas brasileiras tiveram em grupos franceses, as solidariedades variadas, tanto para a organização dos grupos de mulheres brasileiras contra a ditadura brasileira quanto para as questões pessoais na organização da vida cotidiana e da sobrevivência.

Na França, tiveram destaque as seguintes atividades das solidariedades:

²⁶ Uma discussão que busca ultrapassar a naturalização das solidariedades afetivas pode ser vista em: HEMMINGS, 2012.

²⁷ A *Seção Feminina do PCB* também foi protagonista de solidariedades transnacionais ‘femininas’ durante a década de 1970 onde foram divulgadas informações sobre a condição da mulher brasileira, entre outras atividades, na França, Itália, México. A dimensão do PCB envolve ao mesmo tempo a esfera das organizações e relações entre os partidos comunista dos mais diferentes países e as dimensões das solidariedades entre as mulheres. Cabe destacar que a *Seção Feminina do PCB* entendia que o protagonismo no debate sobre a ‘condição da mulher’ não era exclusivo das mulheres, como nos demais grupos. Em função do recorte e do espaço, o debate realizado não entrará neste artigo. Para saber mais, ver: BACK, 2013; RIBEIRO, 2013.

1. As Três Marias: foi o apoio oferecido pelo *Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris*²⁸ à Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho de Costa, escritoras portuguesas perseguidas pela ditadura por terem escrito as *Novas Cartas Portuguesas*²⁹. As portuguesas foram processadas por escreverem um livro em que retrataram questões relacionadas as desigualdades de gênero ao nível do trabalho remunerado e não remunerado, e a assistência aos/às filhos/as, às injustiças da guerra colonial, e a sexualidade, prazer, corpo, onde se inscreve o direito ao prazer feminino e as violências e o assédio sexual. O livro foi considerado imoral e pornográfico. O caso das três Marias ganhou repercussão internacional³⁰. Na França, conforme registrado por Maíra Abreu (2014, p. 141), o *Grupo Latino-Americano*, juntamente com POW (*Paris Organization of Women*)³¹ e setores do MLF (Movimento de Liberação das Mulheres), tiveram “um papel fundamental nas mobilizações de apoio às três escritoras”.

A solidariedade com as Três Marias se constituiu em diferentes momentos: 1) a *International Feminist Planning Conference* da NOW, realizada em Boston, em 1973, que tinha como intuito discutir a Conferência da Mulher de 1975 e que contou com a presença das exiladas brasileiras Mariza Figueiredo, Yolanda C. Prado e Gilda Grillo (mulheres que fizeram parte do *Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris*), onde foram debatidas as *Novas Cartas Portuguesas*. Cabe destacar aqui que a declaração das *Cartas Portuguesas* como causa feminista internacional na *International Feminist Planning Conference* aconteceu pelas mãos de Gilda Grillo, envolvida diretamente na tradução do livro para francês

²⁸ A hipótese de Maíra Abreu (2014, p. 144) é de que as ações de solidariedades às escritoras portuguesas contribuíram tanto para “o fortalecimento do grupo” das mulheres latino-americanas e para o início da publicação do boletim *Nosotras*, em janeiro de 1974, quanto para a constituição de vínculos que acabaram conservando-se e se tornaram menções de solidariedade durante a Revolução dos Cravos (ABREU, 2014). Esta argumentação ainda precisa ser melhor desenvolvida, uma vez que não foram encontrados vínculos diretos entre as primeiras ações e pode se tratar de uma análise retrospectiva.

²⁹ As *Novas Cartas Portuguesas* foram publicadas no ano de 1972. Mas, sua repercussão ocorreu no ano de 1973 com o início do processo e julgamento das mulheres. O processo contra as três Marias acabou alguns dias após o 25 de abril, onde a obra não foi considerada imoral ou pornográfica. O livro teve tradução para mais de dez línguas e até hoje é bastante lido, citado e estudado.

³⁰ As diversas manifestações de solidariedade ao caso e a propagação do livro para diferentes países pode ser vista em AMARAL; FREITAS, 2015.

³¹ Segundo Abreu (2014), a POW era uma organização de mulheres anglo-saxões. Inicialmente, era uma seção da *National Organization for Women* (NOW) em Paris. A partir de 1973, mudou o nome. O NOW foi fundado nos Estados Unidos por Pauli Murray e Betty Friedan.

(TAVARES, 2008). 2) carta para a Comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas em nome da Conferência Internacional Feminista e assinada, além de por outras três feministas, por Gilda Grillo; 3) entrega de abaixo-assinado na Embaixada de Portugal em Paris em 1973; 4) o “*Nuit des Femmes*”, um espetáculo realizado na sala *Gémier* no Palácio de Chaillot no dia 21 de outubro de 1973” (ABREU, 2014, p. 143), dirigido por Gilda Grillo com a participação da atriz brasileira Ruth Escobar, onde foram lidas excertos das *Novas Cartas Portuguesas*. *Las Nuit des Femmes* também deixou um vídeo documentário denominado *Les Trois Portugaises*, de Delphine Seyrig (1974, França), no qual participou Ruth Escobar (CARVALHO, 2016) e 5) uma manifestação em frente à Catedral de Notre-Dame em 1974 (ABREU, 2014).

2. Para além das Três Marias, no Boletim *Nosotras*, produzido pelo *Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris*, a ideia de solidariedade entre as mulheres e os movimentos do mundo foi amplamente difundida por meio de inúmeras publicações sobre os mais diferentes países. No *Nosotras*, foi possível encontrar informações sobre a situação das mulheres nos seguintes países: Albânia, Alemanha, Argentina, Bolívia, Espanha, Equador, França, Guatemala, Guiné-Bissau, Irlanda, Itália, México, Nigéria, Peru, Porto Rico, Portugal, Suécia, Venezuela, Vietnã, entre outros, além de informações sobre o Brasil, como o seminário sobre a Mulher Brasileira realizado pela ABI (Associação Brasileira de Imprensa), em 1975, no Rio de Janeiro, o estatuto do Centro da Mulher Brasileira, a Conferência da Mulher (realizada no ano de 1975, no México) e o Tribunal Internacional dos Crimes Cometidos contra as Mulheres de 1976, em Bruxelas. O jornal *Nosotras* também, embora em uma proporção menor às demais publicações, se preocupou em articular dimensões de raça e classe em algumas reportagens; o que por sua vez dá a entender que a compreensão de solidariedade entre as mulheres não estava separada das interseções.

3. O estupro de brasileira na Bélgica: Um evento de solidariedade e contato, entre as exiladas brasileiras que participavam do *Círculo* e os movimentos feministas franceses e belga, deveu-se ao estupro de uma brasileira³² (irmã de

³² Os documentos do *Círculo* apresentam o nome da vítima, mas por entender que é um tema bastante sensível não irei citá-lo aqui.

exilado) que estava em Paris. A brasileira foi estuprada com um pedaço de madeira, no ano de 1976, quando aceitou uma carona, na Bélgica, para retornar a França. Os materiais do *Círculo*³³ registram a violação, os nomes, os detalhes, os detalhes do julgamento, o debate político em torno da violência sexual contra as mulheres, a mobilização do grupo e o contato com as mulheres francesas e belgas para que o caso fosse adiante. Tratam-se, sobretudo, de cartas contando o desenrolar do processo e solicitando apoio feminista para que o agressor fosse condenado. Os documentos sobre o ocorrido, que se encontram em francês e português, não registram o veredito final; somente que o tribunal não havia aceito o caso como estupro, sendo classificado na qualidade de atentando ao pudor com violência.

4. *Paroles aux femmes l'amérique latine*³⁴ (com a participação do *Círculo*): atividade realizada no dia 04 de março de 1976 no *Mutualité*, em ocasião do 8 de março, com os grupos de mulheres da Argentina, Brasil, Uruguai, Bolívia, Colômbia e México, por meio de uma iniciativa do *Journal l'Information*. Os documentos³⁵, todos em francês, apresentaram o lugar da mulher na sociedade brasileira, a participação das mulheres na luta contra a ditadura, as denúncias de tortura sofridas pelas mulheres e da repressão que vivia o povo brasileiro, e a “consciência” como mulheres latino-americanas em luta. Tudo isso, sem esquecer os projetos revolucionários socialistas e a luta anticapitalista. O panfleto do evento ainda sinalizou perguntas (que provavelmente deram o tom do debate) atreladas aos seguintes temas: controle demográfico; esterilização forçada; políticas do imperialismo no corpo das mulheres; a incitação à natalidade na Europa e a distribuição de pílulas em cidades na América Latina; as prisioneiras mulheres e a violência machista e imperialista; o lugar das mulheres na sociedade latino-americana, na luta sindical e política, e na resistência dos povos; as experiências dos grupos de mulheres na América Latina

³³ Documentos registrados no subtópico “Violência contra a Mulher” no Vol. III - Alguns temas de *Debate*

³⁴ Tradução nossa: Palavras às mulheres da América Latina.

³⁵ Documentos registrados Vol. IV - *Pochette*, onde se encontram textos, artigos, cartas e panfletos produzidos pelo Círculo entre 1976-1979.

e na França. Ainda, junto a estes materiais, foram encontrados compilados de informações sobre a situação das mulheres no Brasil e na América Latina.

Também foram registradas a participação das mulheres no *Círculo* em colaboração com o Comitê Brasileiro de Anistia, atividades com as comunidades exiladas, o *Congresso de Mulheres na Iugoslávia* e *Rencontre Internationale de Femmes* no ano de 1977 (ABREU, 2014). Além dos eventos, foram encontradas, junto aos materiais do *Círculo*, brochuras em francês (com informações sobre o Brasil, o *Círculo*, as mulheres e os jornais feministas brasileiros) que aparentam ter sido distribuídas para um público francófono; um desses materiais foi o *Parole aux femmes du Brésil*, registrado como impresso suplementar do *Journal Info-Femmes* e *Quelques Questions sur la Situation de la femme Aujourd’Hui au Brésil*³⁶. Estes materiais foram produzidos de maneira bastante manual e não apresentam indicações de que tenham sido feitos junto ao MLF, como foi o caso do material produzido pelas portuguesas acerca do Brasil (conforme poderá ser visto no próximo tópico).

As solidariedades sinalizaram os vários contatos que os grupos de mulheres brasileiras tiveram na França; desde mobilização em prol das mulheres portuguesas até a participação em eventos para a divulgação de informações sobre a situação da ‘mulher’ brasileira e dos grupos feministas de brasileiras que estavam emergindo no Brasil e na França. As mobilizações não ocorreram sem botar em questão as especificidades vividas pelas mulheres brasileiras, ligadas ao gênero, à classe e à repressão da ditadura. As mulheres se colocaram como “brasileiras” e “latino-americanas” sinalizando tanto as suas condições específicas (ligadas às trajetórias políticas e à situação do Brasil) quanto as racializadas, demarcadas por suas origens nacionais e continentais diante do contexto francês. Por outro lado, as atividades foram desenvolvidas por exiladas que assumiram o papel de porta vozes do que consideraram serem os problemas enfrentados pelas mulheres brasileiras, como, a luta contra a ditadura, as desigualdades de gênero vividas como mulheres brasileiras ou latino-americanas na França e a dupla-opressão. Como retratou Elizabeth Fox-Genovese (1992, p. 49), “a experiência da irmandade mostrou-se valiosa para as mulheres de classe

³⁶ Documento registrados Vol. V – Publicações do Círculo.

média que tiveram a sorte de usufruir de seus benefícios”; compreensão de irmandade que parte das brasileiras (proveniente em sua maioria de uma classe média brasileira) passou a utilizar-se e a envolver-se no exílio na França.

3. As solidariedades das mulheres portuguesas às brasileiras

A construção de atividades de solidariedades às mulheres brasileiras, nas quais participaram exiladas políticas, em Portugal, ocorreram de maneira diferente daquelas citadas na França e nelas foram mobilizados aspectos bastante diferentes. Entretanto, trazem pautas de uma época atreladas às diferentes dimensões que envolveram as hierarquias e opressões às quais as mulheres eram (e ainda são) submetidas. Não as intitulei como feministas, por conta da identificação e o fato de algumas participantes até hoje não se reconhecerem como tal.

O Movimento Democrático de Mulheres (MDM)³⁷ publicou uma brochura em setembro de 1975 com informações acerca das brasileiras e as dificuldades enfrentadas por elas no Brasil e promoveu um evento de solidariedade às mulheres brasileiras no dia 02 de outubro do mesmo ano. O MDM nasceu em Portugal, em 1968, e foi marcado, no que tange às lutas pós-25 de abril, por trabalhos como: “de inversão política das mulheres em torno da luta contra o aumento do custo de vida”; solidariedades internacionais, como aquelas às mulheres brasileiras; “direito ao aborto (em especial a partir dos anos 1980); homenagem a várias mulheres; realização de debates e seminários sobre a *Década da Mulher, a Violência* e uma iniciativa em torno de um *Parlamento Alternativo de Mulheres*” (TAVARES, 2000, p. 71). O MDM mantinha uma posição ambígua com relação ao feminismo; para Manuela Tavares (2000, p. 96), apesar do MDM estar mais próximo de uma corrente feminista marxista, “em termos de acção e de conteúdo do discurso, elas não se assumiram como tal”. Por outro lado, no material produzido de maneira retrospectiva em comemoração aos 40

³⁷ Encontrei os seguintes informes do CIEx que mencionavam o Movimento Democrático de Mulheres (MDM) de Portugal: 83/1976, 376/1976, 424/1976, 453/1976, 16/1977, 138/1977, 150/1977, 145/1977, 195/1977. Um deles demonstra relação entre as brasileiras exiladas e o Movimento, trata-se do informe 16/1977 em que “Ditinha” (Benedicta Savi) e Maria Nazareth Cunha da Rocha participaram de uma reunião com o MDM como representantes da seção feminina do “Comitê Pró-Anistia Geral do Brasil”.

anos do Movimento, a autodefinição e as pautas feministas pareciam existir desde o início (MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE MULHERES, 2009).

As atividades de solidariedade do MDM estenderam-se às mais diferentes nacionalidades, tendo destaque aquelas dirigidas às mulheres chilenas, no ano de 1974, e às crianças da África do Sul e do Uruguai (MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE MULHERES, 2009; TAVARES, 2000). Ao longo dos mais de 50 anos de sua história, o MDM também se voltou às ações, moções ou atividades dirigidas às mulheres do Vietnã, Cuba, Palestina, Angola, Venezuela, Bolívia, entre outras nacionalidades (MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE MULHERES, 2009). As solidariedades internacionais oferecidas pelo MDM não foram as únicas iniciativas existentes no período. Como registrou Tavares (2000), também ocorreram iniciativas de grupos portugueses durante a década de 1970, como o Grupo Autônomo das Mulheres do Porto (GAMP) e o Movimento de Liberação das Mulheres (MLM), voltados para às italianas acusadas de aborto e às mulheres do Irã. Isso se caracteriza como uma prática bastante comum, tanto para a década quanto para o MDM, de oferecer apoio às diferentes mulheres.

A brochura denominada *Solidariedade da Mulher Portuguesa à mulher Brasileira*, com suas dezessete páginas, traz um compilado de informações provenientes do Brasil, Peru e México, que relatam tanto pesquisas sobre a situação da “mulher” no Brasil quanto eventos e relatos do que foram debatidos neles, como: informações sobre fala de Terezinha Godoy Zerbini, na Conferência Internacional da Mulher no México, o anúncio do ano de 1975, como o Ano Internacional da Mulher, o Terceiro Seminário Latino-Americano de Mulheres/Lima, Peru, em outubro de 1974³⁸, a Semana sobre o Papel e o Comportamento da Mulher Brasileira, realizada pela ABI e pelo Centro de Informação das Nações Unidas, e a XXVIII Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Tais documentos registram também a apresentação das pesquisas de Moema Toscano, Ana Ecker, Neuma Aguiar, Eva Alterman Blay, Guiomar Namo de Melo, Fulvia Rosemberg, Raquel Moreno (SOLIDARIEDADE... 1975a, p. 11-13) e de Glaura Vasques de Miranda (SOLIDARIEDADE... 1975a, p. 13-

³⁸ Conforme relatado por Beatriz Cannabrava (2018), exilada brasileira que vivia no Peru, Ana Montenegro foi a representante brasileira neste evento.

17). Alguns desses nomes são bastante conhecidos por suas pesquisas e tidas como ‘pioneiras’ sobre a condição da mulher no Brasil.

As temáticas dos debates apresentados na brochura foram: Anistia, por meio de Manifesto da Mulher Brasileira em Favor da Amnistia, e da fala de Terezinha Godoy Zerbini na Conferência Internacional da Mulher no México; a denúncia das explorações gerais vividas no Brasil (como a desigualdade social) e das específicas vividas pelas mulheres no que tange a educação, trabalho e desemprego, através da contribuição da delegada brasileira (sem assinatura) que esteve no Terceiro Seminário Latino-Americano de Mulheres em Lima; os debates acerca da “mulher brasileira” na “Semana sobre o Papel e o Comportamento da Mulher Brasileira”, nos quais são comentadas as iniciativas de mulheres em realizar reuniões paralelas, a criação de um documento, o interesse maior em enfermeiras, secretárias e menos nas universitárias e profissões liberais, e, por último, a criação do Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira; e o relato da XXVIII Reunião da SBPC, no qual as mulheres apresentaram os resultados de suas pesquisas sobre a condição da mulher no país (ligadas à ciência, ao trabalho industrial *versus* o trabalho doméstico, à educação, às atividades econômicas), com Glaura Vasques de Miranda e Eva Blay, onde, também, é recomendada a implementação, no país, do plano referente à mulher da ONU e a revisão do Código Civil.

Apesar do documento ter sido publicado pelo MDM, a brochura não traz qualquer relato detalhado de atividades anteriores de solidariedades entre as brasileiras e as portuguesas; sinaliza a realização futura de uma atividade, sem muitos detalhes. A reprodução, a diagramação e a divulgação do material e das informações contidas nele parecem ser o ato de solidariedade em si, uma vez que a introdução do documento registra que o MDM, em virtude do ano internacional da Mulher, preocupando-se com a solidariedade internacional, “reforça a participação que as mulheres portuguesas sempre têm desenvolvido dentro desse espírito de cooperação com as mulheres de todo mundo, junto das suas companheiras e irmãs de luta, contra a opressão e a agressão capitalistas, pela libertação dos regimes fascistas, na defesa da independência nacional” (SOLIDARIEDADE... 1975a, p. 01). E, por isso, registrou:

Sendo as mulheres brasileiras, ao longo dos anos, vítimas particulares dessa dura repressão e odiosa exploração, tomou o Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas a iniciativa de promover um dia de solidariedade com o povo brasileiro e em particular com as mulheres, no apoio à sua luta por um mundo melhor, de paz, de amizade e do progresso social. (SOLIDARIEDADE... 1975a, p. 01)

O dia de solidariedade oferecido pelas mulheres portuguesas às mulheres brasileiras foi realizado em 02 de outubro de 1975, às 21:30, no Teatro Trindade, em Lisboa. Contou com a participação da exilada brasileira Zillah Murgel Branco e da portuguesa Dulce Rebelo³⁹, que representavam, respectivamente, “uma resistente anti-fascista brasileira que falará sobre a condição da mulher no seu país” e “a intervenção de uma representante do MDM” (COMUNICADO 37, 1975). A sessão de apoio às mulheres brasileiras foi registrada por diversos jornais, conforme encontrei junto aos documentos do MDM referente à solidariedade, como *Primeiro de Janeiro*, *Diário Popular*, *Diário de Notícias*, e *Século*. Nos documentos, não existe um relato da sessão e os jornais trazem diferentes perspectivas do evento. Neles, foram relatados sobre as falas de cada uma das intervenções, das quais tem destaque a de Zillah Murgel Branco, sobre o analfabetismo das mulheres brasileiras, os problemas gerais e as medidas repressivas que as mulheres enfrentam no Brasil (A NECESSIDADE, 1975; SOLIDARIEDADE, 1975b; SOLIDARIEDADE, 1975c; JORNADA, 1975; A MULHER, 1975). Tem também destaque, a participação do ex-deputado exilado Fernando Perrone.

Sobre esta atividade, Zillah Murgel Branco, a representante brasileira, lembra em entrevista que:

Eu fui para fazer uma palestra, que eu estava muito mal preparada até, porque eles pediram para eu preparar uma palestra sobre a mulher no mundo e quando eu chego lá, toda propaganda era a mulher no Brasil. Eu, de Brasil, sabia quase nada. Tinha aqui um ex-deputado brasileiro, Perrone, o Fernando Perrone. E o Fernando Perrone me deu uma ajuda maravilhosa. E foi para a mesa e eu fiz lá a minha... ficou assim como introdução e ele entrou com o Brasil, contando a história das mulheres no Brasil. Ele me salvou. (BRANCO, 2019).

³⁹ Dulce Rebelo foi uma das fundadoras do MDM. Também foi pedagoga, investigadora científica e professora universitária (MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE MULHERES, 2009). Seus principais estudos estão ligados aos direitos das crianças e o processo de ensino aprendizagem.

Zillah não tinha um engajamento com o movimento de mulheres. Era uma mulher que rompia em diversos aspectos, como, o desquite, militante do PCB, engajada em lutas sociais, entre outras questões. Mas, como ela mesma lembrou, sabia pouco sobre a situação da mulher no Brasil. Desta maneira, a atividade pode ser considerada significativa pela sua realização, iniciativa e constituição de vínculos, mas pouco expressiva no que tange ao caráter específico da “mulher brasileira” ou de um debate mais feminista. Para além disso, as atividades de solidariedades realizadas em Portugal foram bem menores do que as realizadas na França; uma vez que aparentemente incluíram somente um ato e uma brochura. Trouxeram tanto demandas mais gerais, como anistia, luta antifascista, a condição geral das mulheres (analfabetismo e repressão) como, também, de ordem mais específica a partir da brochura com os detalhes sobre a “situação da mulher no Brasil”.

No material encontrado no Acervo do MDM, em Portugal, também estava anexado um recorte do jornal *Extra*, onde aparecia a entrega de um manifesto à Embaixada Brasileira, no dia 08 de março de 1978, das mulheres portuguesas, em prol da anistia no Brasil (MULHERES, 1978). O ato foi realizado em virtude do dia internacional da mulher a fim de prestar homenagem às mulheres brasileiras. Curiosamente, o CIEEx não registra em seus informes a entrega deste documento.

A atividade desenvolvida entre as mulheres foi considerada por Pezzonia (2017) como um dos exemplos das várias formas que as solidariedades com os povos latino-americanos tiveram espaço em Portugal durante o período. No entanto, o referido autor esqueceu-se de mencionar e pensar o quanto as solidariedades transnacionais entre as mulheres estavam em debate durante aquela década. Desta forma, estas atividades não podem ser vistas como mais um exemplo das solidariedades em Portugal, mas como constituidor de engajamentos que ultrapassaram os limites nacionais daquele país, dos quais as mulheres (a partir de suas identidades) foram protagonistas. Obviamente, tomando corpo diferente em cada um dos países citados aqui: ora mais ligado às pautas consideradas como específicas das mulheres ora mais ligadas aos aspectos gerais que assolavam todas as mulheres.

Por último aqui, para além das solidariedades, tanto o evento quanto a brochura revelam uma questão bastante importante: a ambivalência das mulheres e dos debates existentes na época. O MDM, que possuía uma posição indefinida, promoveu iniciativas sobre a condição da mulher brasileira e de solidariedades a elas no Ano Internacional da Mulher. Neste debate, deu espaço às perspectivas das brasileiras e às discussões que estavam sendo realizadas no Brasil sobre a condição feminina (ligadas às pautas específicas), demonstrando que a circulação destes assumiu uma postura de solidariedade diante da condição de ditadura que existia no Brasil (antifascismo e pró-anistia). Também, cabe destacar que as solidariedades provenientes das brasileiras às portuguesas não parecem terem tomado corpo público em Portugal; embora houve diversos trabalhos militantes desempenhados pelas brasileiras junto ao contexto português (conforme poderá ser visto em: ROSALEN, 2021).

Algumas considerações

A seu modo, os grupos de mulheres e/ou feministas de brasileiras no exterior se constituíram no contato com as francesas e as portuguesas, a fim de mobilizar e sensibilizar a esfera pública transnacional sobre: 1) a condição das mulheres brasileiras, 2) a violência sofrida pela dupla-opressão (seja pela condição de ‘gênero’ seja pela ditadura militar) e 3) a denúncia da ditadura brasileira, do antifascismo e da luta pró-anistia. Como buscou-se demonstrar, envolveram três diferentes camadas: a solidariedade existente para a constituição dos grupos, a solidariedade entre as mulheres dos diferentes grupos e as solidariedades que envolveram aspectos do ativismo na esfera pública transnacional. A mobilização das solidariedades entre as mulheres fez parte de quadro complexo de ativismos transfronteiriços que estiveram atravessadas por pautas feministas, das esquerdas, e das noções de “solidariedade”, “irmandade” ou “sororidade” entre as mulheres (seja solidariedade feminista seja entre as mulheres). Além disso, a comparação entre as mulheres exiladas em Portugal e na França, permiti considerar que, enquanto em Paris as brasileiras se voltaram mais abertamente aos feminismos de “segunda onda” já em Lisboa as discussões se colocaram em um patamar da ambivalência.

A perspectiva global, por meio de uma leitura que buscou dar foco às conexões existentes, permitiu visualizar, nas diferentes fontes, os ativismos entre as mulheres de diferentes países, grupos, movimentos e perspectivas. Em outras palavras, a partir da história global foi possível observar os diferentes contatos estabelecidos na esfera transnacional feminista e do movimento de mulheres e aos eventos realizados, especificamente, em cada um dos dois países escolhidos. Também possibilitou perceber que o debate sobre o movimento de mulheres e feministas se constituiu entre aspectos locais/ globais, que se deram por diferentes conexões, e não pode ser tido como somente mais um exemplo de solidariedades, uma vez que demanda e coloca em simbiose pautas de opressão a partir das identidades, como das mulheres que sofreram violências, que estavam submetidas às questões econômicas e às aspectos ligados a nacionalidade brasileiras ou à origem latino-americana (mobilizadas e sinalizadas nas atividades). Por último, as opressões atreladas as questões raciais parecem ter tomado uma dimensão menor dentro deste debate.

Referências

A MULHER; o mais explorado dos explorados – frisou-se numa sessão de solidariedade com antifascistas brasileiras. **Século**, 3 de outubro de 1975. Disponível em: Pasta Solidariedade Internacional no Acervo do Movimento Democrático de Mulheres em Lisboa.

A NECESSIDADE de Despertar a consciência das mulheres para a tarefa de luta – referida numa sessão do M.D.M.P. efectuada em Lisboa. **Primeiro de Janeiro**, 5 de outubro de 1975. Disponível em: Pasta Solidariedade Internacional no Acervo do Movimento Democrático de Mulheres em Lisboa.

ABREU, Maira Luisa Gonçalves de. **Feminismo no Exílio**: O Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris e o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris. São Paulo: Alameda, 2014. Impressão realizada em 2016.

ABREU, Maira Luisa. Nosotras: feminismo latino-americano em Paris. **Estudos Feminista**, Florianópolis, v. 2, n. 21, p.553-572, ago. 2013.

ABREU, Maira; CARVALHO, Adília Martins de. Sisterhood is powerful: exílio e mobilizações feministas na França em apoio às “Três Marias”. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 32, p.133-147, jun. 2014.

ALLEN, Ann Taylor. Erro de Tradução? A história das Mulheres numa Perspectiva Transnacional e Comparada. In: COVA, Anne (org). **História Comparada das Mulheres: Novas Abordagens**. Lisboa: Livros Horizontes, 2008. P. 61-78.

AMARAL, Ana Luísa FREITAS, Marinela. **Novas Cartas Portuguesas entre Portugal e o Mundo**. Lisboa: Leya, 2015.

ANDERSON, Bonnie S. Primórdios do Feminismo Internacional: Contribuições e Dificuldades da História Comparada. In: COVA, Anne (org). **História Comparada das Mulheres: Novas Abordagens**. Lisboa: Livros Horizontes, 2008. p. 47-60.

Arquivo Nacional. Fundo Centro de Informação do Exterior - CIEEx, informes dos anos de 1973 até 1979. Disponíveis em:
http://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/resultado_pesquisa_new.asp

ÁVILA, Maria Betânia de Melo. Entrevista concedida a Eloisa Rosalen. Recife - PE, Brasil, 17/07/2019. Acervo do Laboratório de Estudos de Gênero e História(LEGH)/ UFSC.

BACK, Lilian. **A seção feminina do PCB no exílio: debates entre o comunismo e o feminismo (1974-1979)**. 2013. 212 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2013.

BASTOS, Natalia de Souza. **Elas por elas: trajetórias de uma geração de mulheres de esquerda. Brasil 1960-1980**. 2007. 138 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2007_BASTOS_Natalia_de_Souza-S.pdf. Acesso em: 05 out. 2020.

BARRETO, António. População e Sociedade. In: PINTO, António Costa; MONTEIRO, Nuno Gonçalo (org.). **História Contemporânea de Portugal 1808-2010: A busca da Democracia 1960-2000**. Vol. 05 Lisboa: Objectiva/ Fundación Mapfre, 2015. p. 113-143.

BAYLY, C. A; BECKERT, Sven; CONNELLY, Matthew; HOFMEYR, Isabel; KOZOL, Wendy; SEED, Patricia. Conversation: On Transnational History. **The American Historical Review**, [s.l.] vol. 111, n. 5, pp.1441-1464, 2006.

BRACKE, Maud; MARK, James. Between Decolonization and the Cold War: Transnational Activism and its Limits in Europe, 1950s-90s. **Journal of Contemporary History**, v. 50, n. 3, p. 403-417, 2015.

BRANCO, Zillah Murgel. Entrevista concedida a Eloisa Rosalen. Lisboa - Portugal, 19/10/2019. Acervo do Laboratório de Estudos de Gênero e História(LEGH)/ UFSC.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 16. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CANNABRAVA, Benita Beatriz Accioli. Entrevista concedida Eloisa Rosalen. São Paulo - SP, Brasil, 13/08/2018. Acervo do Laboratório de Estudos de Gênero e História(LEGH)/ UFSC.

CARVALHO, Adília Martins de. Para uma genealogia da recepção de 'Novas Cartas Portuguesas' em França. **Cadernos de Literatura Comparada**, n. 35, p. 225-246, 2016.

Centro de Arquivo e Documentação Movimento Democrático de Mulheres de Portugal. Fundo Solidariedade Internacional, documentos sobre o Brasil.

Centro Informação Mulher (CIM). Coleção Círculo De Mulheres Brasileira em Paris (1976-1979), volumes I, II, III, IV, e V.

COMUNICADO 37, de 2 de outubro de 1975 [escrito a caneta]. Disponível na pasta Solidariedades no Acervo do Movimento Democrático de Mulheres.

CONRAD, Sebastian. **O Que é História Global?** Lisboa: Edições 70, 2019.

COVA, Anne (org). **História Comparada das Mulheres**: Novas Abordagens. Lisboa: Livros Horizontes, 2008.

COSTA, Suely Gomes. Onda, Rizoma e “Sororidade” como metáforas: Representações de Mulheres e dos Feminismos (Paris, Rio de Janeiro: Anos 70/80 do século XX). **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p.1-29, dez. 2009.

COSTA, Ana Alice Alcantra. O Feminismo Brasileiro em Tempos de Ditadura Militar. In: WOLFF, Cristina Scheibe, PEDRO, Joana Maria (org). **Gênero, feminismos e ditadura no Cone Sul**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010. p. 174–190.

CRUZ, Fábio Lucas da. **Frente Brasileiro de Informaciones e Campanha**: Os jornais de brasileiros exilados no Chile e na França (1968-1979). 2010. 168 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 09, n. 20, p.05-74, 31 mai. 2017.

FICKER, Sandra Kuntz. Mundial, transnacional, global: Un ejercicio de clarificación conceptual de los estudios globales. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, [s.l.], p.1-15, mar. 2014.

FOX-GENOVESE, Elizabeth. Para além da irmandade. **Estudos feministas**, Rio de Janeiro, p. 31-56, 1992.

FOUGEYROLLAS-SCHEWEBEL, Dominique. Movimentos Feministas. In: HIRATA, Helena et al (Org.). **Dicionário Crítico do Feminista**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 144-148.

FREDERICKSON, Mary E. Going Global: New Trajectories in US Women's History. **The History Teacher**, Long Beach, v. 43, n. 2, p. 169-189, 2010.

HEMMINGS, Clare. Affective solidarity: Feminist reflexivity and political transformation. **Feminist Theory**, v. 13, n. 2, p. 147-161, 2012.

JORNADA de solidariedade do M.D.M. para com a mulher brasileira. **Diário de Notícias**, 3 de outubro de 1975. Disponível em: Pasta Solidariedade Internacional no Acervo do Movimento Democrático de Mulheres em Lisboa.

LES TROIS PORTUGAISES. Dirigido por Delphine Seyrig. Documentário. França, 1974. 29 min. Preto e branco.

LIMA, Valentina da Rocha. Women in Exile: Becoming Feminist. **International Journal of Oral History**, Westport, v. 5, n. 2, p. 81-99, jun. 1984.

MARTIN, Deborah; SHAW, Deborah. Chilean and Transnational Performances of Disobedience: Las Tesis and the Phenomenon of Un violador en tu camino. **Bulletin of Latin American Research**, [s.l.] vol. 40, n. 1, p. 01-18. jan. 2021. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/blar.13215> Acesso em: 08 jul. 2021.

MARQUES, Teresa C. S. **Militância política e solidariedade transnacionais: a trajetória política dos exilados brasileiros no Chile e na França (1968-1979)**. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Ciências Políticas: UFRGS, Porto Alegre, 2011.

Sob a perspectiva global: as solidariedades transnacionais das e às mulheres brasileiras exiladas na França e em Portugal
Eloisa Rosalen

MARQUES, Teresa C. S. A Esquerda brasileira exilada e o Feminismo: A atuação política das brasileiras no Chile e na França (1968-1979). **Projeto História**, São Paulo, n. 52, p.112-139, ago. 2015

MCLAREN, M. A. **Foucault, Feminismo e Subjetividade**. São Paulo: Intermeios, 2016.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. **Deslocamentos geográficos, Experiências subjetivas: Brasileiras no exílio**. Campinas: IFCH/Unicamp, Coleção Primeira Versão, 2012.

MORGAN, ROBIN (org). **Sisterhood is global: The International Women's Movement Anthology**. Nova Iorque: Garden City, 1984.

MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE MULHERES. **40 Anos: movimento democrático de mulheres**. Lisboa: Edições MDM, 2009.

MULHERES Portuguesas pedem Anistia Política no Brasil. **Extra**, 9 de março de 1978. Disponível em: Pasta Solidariedade Internacional no Acervo do Movimento Democrático de Mulheres em Lisboa.

NOSOTRAS. Paris: n. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12,13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, e 26, de 1974 até 1976. Disponível em: Acervo do LEGH (fotocópias da *Bibliothèque Marguerite Durand* em Paris).

PICQ, Françoise. The History of the Feminist Movement in France. In: GRIFFIN, Gabriela; BRAIDOTTI, Rosi (org.) **Thinking Differently: A Reader in European Women's Studies**. Londres: Zed Books, 2002. P. 313-320.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PINTO, António Costa. A busca por democracia. 1960-2000. In: PINTO, António Costa; MONTEIRO, Nuno Gonçalo (org.). **História Política Contemporânea: Portugal 1808-2000**. Lisboa: Objectiva/ Fundación Mapfre, 2019. p .267-306.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. Nosotras e o Círculo de Mulheres Brasileiras: feminismo tropical em Paris. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 14, p.55-69, jun. 2007a.

PEDRO, Joana. “Nosotras, Nós Mulheres, Nos/Otras, Noidonne: Rede de divulgação feminista dos anos 70 e 80”. In: WOLFF, Cristina Scheibe; FAVERI, Marlene de; RAMOS, Tânia Regina de Oliveira (Org.). **Leituras em rede: gênero e preconceito**. Florianópolis: Mulheres, 2007b. p. 265-293.

PENNA FILHO, Pio. O Itamaraty nos anos de chumbo: O Centro de Informações do Exterior (CIEX) e a repressão no Cone Sul (1966-1979). **Revista Brasileira de Política Internacional**, São Paulo, v. 52, n. 2 p. 43-62, 2009.

PENNA FILHO, Pio. Os Arquivos do Centro de Informações do Exterior (CIEX): O elo perdido da repressão. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 79-92, jul/dez. 2008.

PRADO, Maria Lígia Coelho. Repensando a História Comparada na América Latina. **Revista de História**, São Paulo, n. 153, p. 11-34, 2º sem/2005.

PEZZONIA, Rodrigo. **Exílio em Português: política e vivência dos brasileiros em Portugal (1974-1982)**. 2017. 300 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

REIS, Daniel A. **Ditadura militar, esquerdas e sociedades**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

RIBEIRO, Maria Rosa Dória. As comunistas e o feminismo. **Perseu**, São Paulo, v. 7, n. 9, p.117-143, 2013.

ROLLEMBERG, Denise. **Exílio: Entre raízes e radares**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ROLLEMBERG, Denise. Debate no Exílio: Em busca da renovação. In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão. **História do Marxismo no Brasil: Partidos e Movimentos após os anos de 1960**. São Paulo: Editora Unicamp, 2007. p. 291-339.

ROSALEN, Eloisa. **Vidas (entre) laçadas: relações de gênero nas memórias do exílio brasileiro (1964-1979)**. 2016. 287 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/167880> Acesso em: 01 ago. 2021.

ROSALEN, Eloisa. **Retratos de uma geração: as trajetórias de militâncias das mulheres exiladas na França e em Portugal e no retorno ao Brasil (1973-1987)**. 2021. 301 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/227107/PHST0721-T.pdf?sequence=-1> Acesso em: 01 ago. 2021.

SZNAJDER, Mario; RONIGER, Luis. **La política del destierro y el exilio en América Latina**. México: Fondo de Cultura Económica, 2013.

SARTI, Cynthia. Feminismo e Contexto: Lições do Caso Brasileiro. **Cadernos Pagu**, Campinas, s/v, nº 16, p. 31-48, 2001.

SOLIDARIEDADE da Mulher Portuguesa à Mulher Brasileira. Lisboa: Edições MDM, 1975a. Disponível em: Pasta Solidariedade Internacional no Acervo do Movimento Democrático de Mulheres em Lisboa.

SOLIDARIEDADE com as mulheres brasileiras antifascistas brasileiras. **Diário Popular**, 1 de outubro de 1975b. Disponível em: Pasta Solidariedade Internacional no Acervo do Movimento Democrático de Mulheres em Lisboa.

SOLIDARIEDADE com as mulheres brasileiras antifascistas brasileiras – numa sessão do M.D.M. **Diário Popular**, 3 de outubro de 1975c. Disponível em: Pasta Solidariedade Internacional no Acervo do Movimento Democrático de Mulheres em Lisboa.

TAVARES, Manuela. **Movimentos de Mulheres em Portugal: Décadas de 70 e 80**. Lisboa: Livros Horizontes, 2000.

TAVARES, Manuela. **Feminismos em Portugal (1947-2007)**. 2008. 625 p. Tese (Doutorado) – Universidade Aberta Lisboa, Lisboa, 2008. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1346> Visitada em 14 abr. 2022.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social: Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

TUNGOHAN, Ethel. Is Global Sisterhood Elusive? A Critical Assessment of the Transnational Women's Rights Movement. **Atlantis: Critical Studies in Gender, Culture & Social Justice**, v. 34, n. 2, p. 104-114, 2010.